



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – Campus VI

Flávio Santos Cerqueira

Isana Gomes da Silva

LEITURA, ESCOLA E FORMAÇÃO CIDADÃ:

**o trabalho desenvolvido com a leitura na escola estimula os alunos a assumir
uma postura mais ativa (e menos passiva) diante dos fatos sociais?**

CAETITÉ/BAHIA

DEZEMBRO/2012

Flávio Santos Cerqueira

Isana Gomes da Silva

LEITURA, ESCOLA E FORMAÇÃO CIDADÃ:

**o trabalho desenvolvido com a leitura na escola estimula os alunos a assumir
uma postura mais ativa (e menos passiva) diante dos fatos sociais?**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Letras/Vernáculos pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras/Vernáculos.

Orientadora: Professora Andréia Vilaça Guimarães Pereira

CAETITÉ/BAHIA

DEZEMBRO/2012

**Flávio Santos Cerqueira
Isana Gomes da Silva**

LEITURA, ESCOLA E FORMAÇÃO CIDADÃ:

**o trabalho desenvolvido com a leitura na escola estimula os alunos a assumir
uma postura mais ativa (e menos passiva) diante dos fatos sociais?**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Letras/Vernáculos pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Letras/Vernáculos.

Aprovado em ____ de _____ de _____.

COMISSÃO EXAMINADORA:

**Professora Andréia Vilaça Guimarães Pereira
Orientadora (Universidade do Estado da Bahia – Campus VI)**

**Professora Lucélia Alves Magalhães Silva
Universidade do Estado da Bahia – Campus VI**

**Professora Zélia Malheiro Marques
Universidade do Estado da Bahia – Campus VI**

Dedicatória

À minha mãe Circe Santos Cirqueira (*in memorian*) pelo amor e carinho, ao meu pai Leônidas Cirqueira que nunca cessou de lutar, à minha esposa e filhos que são a razão do meu viver, aos meus irmãos que sempre foram parceiros e companheiros nessa jornada, a toda família e aos grandes amigos que sempre torceram por mim. (Flávio)

Aos meus pais, pelo incentivo durante todos os anos de escolaridade, fazendo com que eu conseguisse chegar a ocupar um espaço na Universidade;

Ao meu irmão Romar (*in memorian*) que, mesmo nos momentos difíceis, estava sempre me apoiando, e às demais irmãs e irmãos que, direta ou indiretamente, participaram da minha luta pelos estudos. (Isana)

Agradecimentos

Por toda a minha vida, o Senhor me guiou – as mãos sempre dadas. A Deus, agradeço por fazer parte da minha vontade a Sua, do meu pedido – uma graça, do meu esforço – recompensa, da minha missão – esse sonho. Aos meus professores que em todos os momentos contribuíram com minha formação. (Flávio)

A Deus, por ter dado a mim o dom do conhecimento e sabedoria para superar as dificuldades e ansiedades vivenciadas durante o curso. A todos os professores que estiveram ao meu lado, a cada semestre. (Isana)

Um público comprometido com a leitura é crítico, rebelde, inquieto, pouco manipulável e não crê em lemas que alguns fazem passar por ideias.

Mário Vargas Llosa

RESUMO

Esta pesquisa monográfica foi construída no âmbito do curso de Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Brasileira – Universidade do Estado da Bahia – UNEB, tendo como objetivo mostrar a importância da leitura para a formação do cidadão a partir de um estudo dos depoimentos de alguns dos graduandos do Curso de Letras Vernáculas, Uneb – Campus VI, bem como da professora orientadora. A pesquisa foi efetuada inicialmente dentro de uma metodologia bibliográfica em uma linha de abordagem qualitativa – etnográfica, através de depoimentos colhidos de uma professora e três estagiários do programa Universidade para Todos, para assim confrontarmos as ideias que eles têm sobre a leitura e a prática desta em sala de aula. Na análise dos depoimentos verificamos, claramente, que a grande maioria dos estudantes do referido projeto, não fazem da leitura uma prática, não compreendendo as múltiplas faces da leitura. O referencial teórico está centrado principalmente em autores como; Freire (1986), Kleiman (2002), Zilberman e Lajolo (1996), Solé (1998), Molina (1992), Silva (1986 e 2003), Martins (1994), Yunes (2003), André e Ludke (1985), Gil (1999). Suas obras nos deram respaldo teórico para falarmos sobre a importância da leitura, considerada uma indispensável atividade para a aprendizagem humana.

Palavras chave: aluno, leitura, escola, formação crítica

ABSTRACT

This research monograph was built within the course of Arts with specialization in English Language and Literature from Brazilian Language - University of Bahia - UNEB, aiming to show the importance of reading for the training of citizens from a study of testimonials some of the graduating students of Vernacular Literature, UNEB - Campus VI, as well as the teacher advisor. The research was conducted initially within a methodology literature in a line qualitative approach - ethnographic reports collected through a teacher and three interns from the University for All Program, thus confronting the ideas they have about reading and practice in this classroom. In the analysis of statements found clearly that the vast majority of students in this project, do a practice of reading, not understanding the multiple facets of reading. The theoretical framework focuses primarily on authors such as; Freire (1986), Kleiman (2002), Lajolo and Zilberman (1996), Solé (1998), Molina (1992), Silva (1986 and 2003), Martins (1994), Yunes (2003), and Andrew Ludke (1985), Gil (1999). His works gave us a theoretical rationale to talk about the importance of reading, considered an essential activity for human learning.

Keywords; pupil, reading, school, training critical

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER.....	12
2.1. A leitura e o exercício da cidadania.....	12
2.2. A função social da leitura.....	16
2.3. Leitura e contemporaneidade.....	19
3. LEITURA E ESCOLA.....	23
3.1. As práticas de leitura na escola.....	23
3.2. O papel da biblioteca escolar, do bibliotecário e do professor.....	29
3.3. O ensino das estratégias de compreensão leitora.....	33
4. CAMINHOS DA PESQUISA.....	37
4.1. A natureza da pesquisa.....	37
4.2. Sujeitos da pesquisa.....	38
4.3. A voz dos sujeitos da pesquisa.....	40
4.3.1. Análise dos depoimentos.....	40
5. CONCLUSÃO.....	46
6. REFERÊNCIAS.....	48

O livro traz a vantagem de a gente estar só e ao mesmo tempo acompanhado.

(Mário Quintana)

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, em quase todas as instâncias da sociedade, a incessante busca pela informação e pelo conhecimento tem sido uma ação constante, tanto pela necessidade que o indivíduo tem de se sentir socialmente incluído, como também para adquirir novos saberes, não permanecendo na ignorância em ambientes onde a ciência e a informação andam paralelas ao uso das tecnologias e da comunicação.

Desse modo, é importante salientar que além do conhecimento poder ser adquirido através da leitura, esta possibilita também, a formação de indivíduos críticos e conscientes de seus direitos e de seus deveres, e que estes tenham uma visão melhor de mundo e de si mesmos. Por estas razões, a leitura é considerada uma importante atividade para a aprendizagem humana, pois é através dela que é possível enriquecer nossos conhecimentos, nossa capacidade comunicativa, e fazer com que o raciocínio se torne mais dinâmico e hábil para a interpretação.

De modo geral, ela amplia e diversifica as visões e interpretações sobre o mundo como um todo. Nessa perspectiva, este estudo visa abordar a leitura como instrumento essencial para a formação crítica do cidadão, o papel da escola em relação ao trabalho desenvolvido com as práticas de leitura e as estratégias utilizadas pelo professor para desenvolver o aprendizado do aluno.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é compreender como as práticas de leitura podem contribuir para a formação social do indivíduo, uma vez que ela tem o poder de sensibilizar, emocionar e transformar o ser humano.

Para isso, foram analisados depoimentos de graduandos (colegas) do Curso de Letras Vernáculas da UNEB – Campus VI, bem como de uma professora de Estágio que relataram acerca de suas experiências durante o Estágio Supervisionado em turmas de cursinho pré-vestibular, do Projeto Universidade para

Todos¹. Este ideia se concretizou após diversas tentativas da professora junto ao Colegiado de Letras na busca de soluções para que os graduandos não ficassem sem o estágio final, já que as Escolas da Rede Estadual se encontravam em greve naquele momento.

A iniciativa desse projeto foi, sem dúvida, uma experiência jamais vista dentro do Curso, pois teve um formato diferente em relação aos estágios realizados em turmas regulares. Tanto que nos provocou e nos fez pensar como seria a dinâmica de trabalho com esse público e, assim acoplar ao estudo até então pensado sobre os aspectos da leitura na escola.

E, por haver nestas turmas uma diversidade de alunos, com características únicas, idades variadas, típicas de um cursinho para vestibular, foi que surgiu a ideia de fazer uma pesquisa, através da coleta e análise de relatos, com os colegas-estagiários desses pré-vestibulandos, e tentar perceber o nível de leitura em que se encontrava a turma, já que estava pleiteando uma vaga na Universidade, partindo da seguinte questão: será que a leitura é capaz de formar cidadãos críticos e participativos?

Para isso, adotamos vários autores que poderiam dialogar sobre o tema como Paulo Freire (1991), Ângela Kleiman (2002), Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1996), Isabel Solé (1998), Olga Molina (1992), Ezequiel Teodoro da Silva (1986, 2003), Mollica (2007), Maria Helena Martins (1994), PCN's (Língua Portuguesa, 1996), Lena Lois (2010) e Irandé Antunes (2008), periódicos e outros autores para reforçar a revisão de literatura.

E, pensando nas explicações e discussões teóricas e metodológicas e na compreensão dos procedimentos da análise dos resultados foi necessário recorrer aos estudos de Antônio Carlos Gil (1999), Marli André e Menga Ludke (1985).

Dessa forma, o trabalho está organizado em três capítulos: Capítulo I – faz uma abordagem sobre a “Importância do Ato de Ler”, distribuídos em tópicos menores, a saber, *A leitura e o exercício da cidadania; A função social da leitura e*

¹O Projeto Universidade para Todos, criado pelo governo do Estado da Bahia através do Decreto nº 9.149, de 23 de julho de 2004, é coordenado pela Secretaria da Educação e executado em parceria com as Universidades Estaduais (Uneb, Uefs, Uesb, Uesc) e a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Trata-se de uma ação voltada para fortalecer a política de acesso à educação superior, direcionada a estudantes concluintes e egressos do ensino médio da rede pública estadual. (Fonte: ver referências).

Leitura e contemporaneidade. Capítulo II: “Leitura e Escola”: As práticas de leitura na escola; O papel da biblioteca escolar, do bibliotecário e do professor; e O ensino das estratégias de compreensão leitora. O Capítulo III apresenta os caminhos percorridos para se chegar ao produto final da pesquisa: A natureza da pesquisa, Os sujeitos da pesquisa, A voz dos sujeitos e A análise e discussões dos dados.

IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER

"A leitura é uma fonte inesgotável de prazer, mas, por incrível que pareça, a quase totalidade não sente esta sede."

Carlos Drummond de Andrade

2.1 A leitura e o exercício da cidadania

A leitura sempre foi algo de fundamental importância na formação do indivíduo leitor, pois a vida em uma sociedade letrada é marcada pelo contato com textos dos mais variados tipos. Dessa forma, se esses textos povoam a nossa vida, é primordial que consigamos abstrair deles alguma informação e nos tornarmos capazes de manifestar uma opinião e defender um ponto de vista.

O processo de abstração da leitura tem início logo que nascemos. Nesse sentido, Martins² (1984) compara a leitura com a percepção de um bebê entre a diferença do aconchego de seu berço com os braços suaves de sua mãe. Essas marcas são os primeiros passos para definir um sujeito leitor.

Isso nos mostra que a leitura já existe antes mesmo do nosso aprendizado das palavras escritas, o que também é afirmado por Freire (1991, p.20) "[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele". Assim, começamos inicialmente a ler o que está a nossa volta, o contexto, a situação e só mais tarde lemos as linguagens formais, a escrita propriamente dita, pois quem aprende a ler tem mais chances e oportunidades de ampliar suas vivências e percepções da realidade na qual está inserido, oportunizando relações mais dinâmicas e ativas com este mesmo meio. Para Martins (1994) esta etapa:

Trata-se, pois de um aprendizado mais natural do que se costuma pensar, mas tão exigente e complexo como a própria vida. Fragmentado e, ao mesmo tempo, constante como nossas experiências de confronto com nós mesmos e com o mundo (p. 11-12).

²MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. – 19ª ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994. – Coleção Primeiros Passos; 74)

É importante percebermos que o desenvolvimento do leitor está diretamente relacionado às suas condições de vida, seja a nível pessoal e social, ressaltando que, quando essas condições não apresentam aspectos favoráveis ao desenvolvimento da leitura, tendem a refletir negativamente no exercício da cidadania. Precisamos despertar em nossos alunos o hábito da leitura, não uma leitura por uma mera obrigação, mas uma leitura que desperte prazer, que o transporte a mundos desconhecidos, há tempos remotos para entendermos a nossa própria história e melhor atuarmos no meio no qual estamos inseridos.

A leitura é, sem dúvida, de grande importância em nossa sociedade contemporânea, pois é uma forma de encontro entre o homem e a sua realidade sociocultural, o livro (ou qualquer outro tipo de material escrito) é sempre uma imersão do homem no seu processo histórico. A leitura é algo imprescindível na vida de qualquer indivíduo, pois ela abre um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo. Ela tem o poder de suscitar o imaginário, a curiosidade com toda amplitude, significância e magia.

É com o livro nas mãos de cada indivíduo que surge paulatinamente condições para uma melhor formação leitora e o completo desenvolvimento da competência comunicativa, contribuindo, assim, para uma cidadania mais plena, tanto para a juventude, como para todos os que sentem necessidade e prazer em ler. A leitura é uma experiência de vida, porque ela age fortemente sobre o leitor, por meio das informações e conhecimentos adquiridos, induzindo-o a atuar de forma crítica e consciente, contribuindo, assim, na construção de uma sociedade mais digna, justa e igualitária.

A leitura instiga o ser humano a lutar por um mundo melhor, levando-o a crer que tudo pode ser de outra forma, estimulando-o a criar atalhos para caminhos que parecem demasiadamente longos. Ela exerce um poder incontável, liberta o homem excessivamente dos grilhões que o encarceram.

O hábito da leitura gera o conhecimento e o leitor dotado desse bem tão supremo dificilmente se tornará um cidadão alienado e manipulado, poderá sim, gerar seres conscientes de seus direitos e deveres, capazes de contribuir na construção de uma sociedade como ser atuante e participativo. Através desse processo, o ser humano vai se formando integralmente, adquirindo conhecimentos diversos, ampliando as mais variadas inteligências. A leitura promove, acima de tudo, a comunicação de sentimentos e emoções. Torna o leitor capaz de

compreender e aceitar o mundo do outro, as culturas diversas, proporcionando, desta forma, uma melhor interação dele com o meio.

No âmbito social, não basta apenas ser alfabetizado, far-se-á necessário ser letrado, ou seja, a aprendizagem não somente ocorre no ambiente escolar, mas fora dele, extrapolando os limites da decodificação, objetivando a construção de identidades e poder, como conceitua Kleiman (1995) *apud* Mollica (2007) onde diz que letramento é “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”(p.15).

Mollica (2007) alarga a ideia anterior de que a escola é um dos espaços para o início desse processo e possibilita ampliar às vivências do indivíduo fora da sala de aula.

A escola é uma das agências de letramento, paralelamente a outros sistemas assentados na experiência de vida, na necessidade da sobrevivência, na profissão dos indivíduos, na atuação dos cidadãos em suas comunidades particulares ou em âmbito mais geral (p. 16).

Dessa forma, o letramento possibilita ao usuário da língua ampliar os seus conhecimentos, inserir-se no mundo de forma mais espontânea, além de favorecer mudanças de comportamento quanto à relação com pessoas de níveis de conhecimento mais elevado, garantindo, de alguma maneira, melhor qualidade de vida para si e, por conseguinte a do seu próximo.

Diferente do modelo antigo de letramento, considerado como prática específica da escola, hoje ele transcende essa norma, permitindo ao indivíduo unir o conhecimento adquirido no ambiente escolar, internalizando à sua prática cotidiana. Portanto, para que o ato de ler seja eficaz, o bom leitor precisa ler nas entrelinhas, fazer a leitura de mundo através de seus conhecimentos, experiências de vida. Não basta apenas decodificar o que está escrito, mas sim será necessário compreender e interpretar de forma criativa o que foi lido. Ler é colher conhecimento e o conhecimento é sempre um ato criador.

Nesse sentido, um leitor competente exerce seu raciocínio crítico sobre o texto, vai além do que é explicitado pelo autor, confronta as informações do texto com a realidade que já conhece, enfim, constrói suas próprias leituras.

Como afirma Silva (2005):

Leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento. (...) é um dos principais instrumentos que permite ao Ser Humano situar-se com os outros. (...) A leitura, possibilitando a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências, parece ser o único meio de desenvolver a originalidade e autenticidade dos seres que aprendem (p.42-43).

Confirmando ainda mais a importância da leitura, o autor enfatiza que “ler é em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo”(ibidem).

Com base nessas abordagens, fica claro que a leitura é quem pode proporcionar ao indivíduo o livre arbítrio, dando a ele o direito de expressar e agir conforme as suas necessidades. O saber adquirido através da leitura desenvolve a criticidade das pessoas, fortalecendo-as e induzindo-as a partirem para a luta em defesa de seus direitos, o que caracteriza um avanço no seu papel de cidadão. Quando o cidadão leitor se apropria deste saber, ele se torna capaz de atuar socialmente como alguém que faz diferença em uma sociedade, pois se torna capaz de sugerir, mudar, questionar acerca da organização, estrutura e funcionamento de uma determinada sociedade e, além de tudo, saberá discernir, não aceitando passivamente tudo o que vem escrito, posicionando-se com autonomia diante de qualquer texto e contexto.

Quem não lê é marginalizado. Ignora, muitas vezes, seus direitos elementares, porque não pode conferir as informações que lhe são dadas. A leitura é a base para que a educação e a cidadania sejam uma conquista concreta. É com embasamento nela que as pessoas que integram a sociedade passem a compreender e refletir em prol de si e de todos, pois a leitura “[...] é a mola propulsora na libertação do pensamento e possibilita desencadear reflexões e desenvolver ações para melhoria da cidadania e desenvolvimento do ser humano” (BLATMANN e VIAPIANA, 2005, p.6). Além disso, existe, nesse processo, a grande magia de ser leitor e de construir a cada experiência de leitura, uma história pessoal com os livros, os autores, as emoções e as aventuras de cada texto.

É preciso ler para viver, ler a própria vida, ler para ampliar as perspectivas, para reinventar o mundo. A leitura deve ser estimulada, desde muito cedo, pois

desperta a admiração, o conhecimento, inserindo o ser humano no meio social como um ser dotado de criticidade e autonomia.

Neste processo de formação de leitores vale ressaltar a grande importância da escola que objetiva a introduzir seus alunos no mundo, em determinado tipo de conhecimento. Para isso, ela precisa incentivar o hábito da leitura, os governantes precisam garantir um ensino de qualidade e o saber deve ser distribuído igualmente entre todos para que haja uma boa formação do cidadão.

A leitura é fundamental para o estabelecimento e a consolidação da democracia, daí seu papel essencial na formação dos cidadãos e de alunos leitores. O professor assume também um papel importante, nessa relação, bem como, com a qualidade dos textos utilizados. Um professor apaixonado por leituras despertará tal paixão em seus alunos.

2.2 A função social da leitura

A leitura é a principal ponte de crescimento para as pessoas, pois é, por meio dela que temos acesso a conhecimentos construídos pela humanidade ao longo dos tempos, ampliamos nossa comunicação e a nossa visão de mundo, desenvolvemos nossa compreensão e o nosso senso crítico.

A leitura é, portanto, imprescindível na vida de qualquer ser humano, pois ela nos conduz rumo a uma verdadeira democracia, estimulando-nos na busca de direitos igualitários e a exercer nossa cidadania, transformando a nós mesmos e a realidade que nos cerca.

No mundo em que vivemos, precisamos nos tornar cada vez mais leitores-intérpretes. Ler e interpretar tudo o que está à nossa volta, dessa forma, a leitura tem uma dimensão social: provoca, enriquece e encaminha à reflexão.

A leitura, enquanto oportunidade de enriquecimento e experiência é primordial na formação do indivíduo e do cidadão. A formação de leitores se configura como imperativo da sociedade atual. Pessoas afeitas à leitura, aptas a penetrar nos horizontes veiculados em textos mais críticos, são pessoas capazes de um bom desempenho em suas atividades pessoais e profissionais e apresentam melhor aptidão para o enfrentamento dos problemas sociais.

Se, por um lado, a leitura pode ser um instrumento de dominação, por outro lado é um instrumento de cidadania. E, muito embora a leitura não seja o único caminho para a cidadania, ela a consolida à medida que o homem se constrói dentro dessa sociedade. Para que o homem se “construa” dentro dessa sociedade, precisa de conhecimento – uma forma de poder e uma fonte de sobrevivência.

Complementam-se conhecimento, leitura e cidadania, pois sem leitura não há formação, nem conhecimento, muito menos cidadania. E sem esta não pode existir exatamente uma sociedade.

Segundo Magda Soares (1988),

Os valores da leitura sempre apontados são aqueles que lhe atribuem às classes dominantes, radicalmente diferentes dos que lhe atribuem às classes dominadas. Pesquisas já demonstraram que, enquanto as classes dominantes veem a leitura como fruição de horizontes, de conhecimentos, de experiências, as classes dominadas a veem pragmaticamente como instrumento necessário à sobrevivência, ao acesso ao mundo do trabalho, à luta contra as condições de vida (p.17-29).

O ato de ler é, pois, uma ação política, e por isso pode-se dizer que o acesso à leitura depende da organização da sociedade e do Estado, que ajuda a mantê-la e a reproduzi-la. É necessário que haja, pois, uma preocupação muito grande por parte do sistema de ensino e das escolas uma prioridade no que diz respeito à transmissão do conhecimento pelas escolas, pois segundo Olga Molina(1992)

a educação escolar é a chave para a aquisição do saber sistematizado, acumulado pela humanidade ao longo de sua história e direito, portanto de todos. A democratização real – não aparente - do ensino deveria ter como consequência que todos se apropriassem desse saber socialmente produzido (p.16).

O papel da escola também é promover a função social da leitura.

O processo de aprendizagem na alfabetização de adultos está envolvida na prática de ler, de interpretar o que leem, de escrever, de contar, de aumentar os conhecimentos que já têm e de conhecer o que ainda não conhecem, para melhor interpretar o que acontece na nossa realidade (FREIRE, 1991, p. 48).

O domínio da capacidade de leitura deve pertencer a todo ser humano, pois ele gera maior mobilidade dos grupos humanos, aumento qualitativo da capacidade crítica e crescimento de seu potencial reivindicatório. A leitura, portanto, dá voz ao cidadão, no sentido de que sua interpretação pode gerar a transformação do mundo.

A leitura é o ato ou efeito de ler. É um testemunho oral da palavra escrita de diversos idiomas, uma atividade básica na formação cultural da pessoa e um benefício à saúde mental. Através dela, o ser humano não só adquire o conhecimento, como também pode transformá-lo em um processo de aperfeiçoamento sucessivo.

O não acesso ao livro e à leitura a todas as classes sociais é uma imperfeição no processo de socialização do indivíduo, pois a possibilidade de interpretar o código escrito e de saborear a beleza das palavras é indispensável à dignidade humana em uma sociedade que favorece a escritura e se afasta da oralidade, sendo incontestável que a leitura do texto escrito constitui uma das conquistas da humanidade.

Conforme Silva (1985), a leitura, se levada a efeito, crítica e reflexivamente, manifesta-se como um trabalho de combate a alienação (não-racionalidade), capaz de facilitar ao gênero humano a realização de sua plenitude (liberdade) (p.22-23).

Nesta perspectiva, a leitura caracteriza-se como uma atividade de conscientização e questionamento, sendo que a função social da leitura é facilitar ao homem a compreensão e assim emancipar-se dos dogmas que a sociedade lhe impõe.

Eliana Yunes (2009) reforça que

O ato de ler, na medida em que vem apelar ao receptor por sua participação, acaba provocando suas memórias e nelas, suas posturas, seus sonhos, suas opiniões, antes tão encobertos ou desconhecidos por ele próprio. Pensar, pesar, evocar, rememorar as experiências iniciais e posteriores da leitura, por exemplo, são gestos que afetam o ato de ler e o impregnaram das vivências de cada um, dando ao leitor a oportunidade, pouco a pouco, de conscientizar-se. (YUNES, 2009, p.23).

Diante do exposto, fica evidente que a função social da leitura é possibilitar ao homem sua liberdade, sua formação e reflexão crítica. Para a construção de uma sociedade é de fundamental importância a efetiva participação do povo como sujeito

na construção do país. Quanto mais consciente o povo fizer sua história, mais o povo perceberá, com lucidez, as dificuldades que têm a enfrentar, no domínio econômico, social e cultural, no processo permanente de sua libertação. Ler, então, é um processo de socialização do indivíduo.

Far-se-á necessário que mudemos nossa maneira de agir e pensar, para atingirmos o conhecimento e amadurecimento enquanto leitores. É imprescindível, na sociedade da qual fazemos parte, que a leitura esteja cada vez mais presente no nosso cotidiano. Precisamos influenciar nossos alunos, funcionários e toda a comunidade escolar para que haja uma mudança de atitude em relação à importância da leitura, pois o futuro da nação está nas mãos de nossos jovens e de todos os trabalhadores que lutam por construir uma melhor condição de vida.

Acreditamos no potencial transformador de cada cidadão participante deste processo educativo, temos ciência de que não basta falar de leitura, da necessidade de ler, e de sua importância no convívio social. É necessário que essa ação faça parte do cotidiano de todos nós, começando na família, estendendo à escola e ao poder público.

Para Citelle (2004):

E necessário ter claro que desenvolver uma competência para a leitura (da palavra) implica contribuir no sentido da formação de um cidadão mais pleno, que possa, criticamente, se assenhorar de um mecanismo tradicionalmente utilizado pela classe dominante. Tomar posse da palavra não para refazer o circuito da discriminação, mas para forçar espaços de libertação(p.50).

2.3 Leitura e contemporaneidade

Falar da leitura na atualidade é um grande desafio a que nos propomos, pois a leitura, sempre esteve presente na nossa formação, enquanto ser social, histórico, econômico e culturalmente construído. Ela é a base fundamental para estabelecer o diálogo entre as pessoas.

O ato de ler era atividade para poucos, pois a cultura do livro não chegava até a camada menos favorecida. Ela era restrita a algumas pessoas, e os que a ela eram contemplados, usavam como recurso para seu próprio benefício, como forma de aniquilar as classes mais inferiores, pois sabe-se que a leitura nas mãos de qualquer um colocava em risco a autonomia do seu soberano.

Foi então que, com o surgimento da imprensa e da indústria cultural, ela começou a ser divulgada e disseminada por toda a nação, recebendo contribuições de ampliação do mercado do livro, bem como, da difusão da escola, tendo em vista a necessidade de alfabetizar crianças, jovens para a vida, para o mercado do trabalho, preparar as famílias em suas atividades domésticas e também como fonte de lazer e entretenimento.

Segundo as autoras Lajolo & Zilberman (2009), a disseminação da leitura foi um marco na história do leitor na Europa, por volta do século XVIII, visto que ela

(...) só começou a se realizar plenamente quando o negócio de livros passou a contar com a clientela capaz de consumir o produto, isto é, pessoas que dominavam com a necessária desenvoltura a habilidade de ler, o que adveio com o fortalecimento da escola e da obrigatoriedade do ensino. (...) Para a leitura se expandir a ponto de se transformar em prática social, foi também necessária outra mudança: deu-se uma até então inédita daí permanente valorização à família (p. 14-15).

Como vimos, a leitura se dá num processo de interlocução em que o indivíduo desenvolve-se a partir do convívio com um grupo social e por força das suas leituras de mundo e das adquiridas, convencionalmente, na escola. Formar leitores, na contemporaneidade, requer que pensemos na importância da leitura no processo de formação dos sujeitos, de forma que possam agir com autonomia na sociedade que o cerca.

A leitura contemporânea deve ser associada também às diferentes expressões culturais, onde, de um lado estão inseridas as novas culturas de massa, permitindo, enquanto leitor, estar informado e conectado ao mundo, por meio de vários gêneros textuais – jornais, revistas, sites de relacionamentos, apresentados como fonte de lazer, de entretenimento e, a partir dessa gama de informações, poder contribuir para a formação leitora.

Silva (2003), ao apresentar algumas reflexões a respeito da leitura no mundo virtual, no que tange à informação nela contida bem como sua contribuição para o exercício da leitura, propõe que se considere a relevância do leitor estar inserido no ambiente da internet, devendo contemplar no usuário os seguintes tópicos:

o acesso à *informação* e com pelos menos dois aspectos da leitura virtual e à produção do *saber*, aqui assumidos como instrumentos

básicos de trabalho, de desenvolvimento social e de participação política; e o domínio, pelos cidadãos, de *competências* capazes de possibilitar a prática de leitura e de letramento contínuo, aqui entendidas como atividades estruturantes do pensamento-linguagem, do conhecimento e da cultura (p. 13).

Diante desse enfoque, é preciso compreender e enfrentar “criticamente” esses aspectos, a fim de não causar o bloqueio e exclusão da população às informações digitais. Dessa forma, é importante que todos os indivíduos estejam preparados para fazer uso dessa e de todas as outras linguagens, pois trará grande contribuição para a disseminação da cultura local, ao mesmo tempo em que sentirão inseridos e valorizados dentro da sua comunidade.

Os PCN's (L.P. 1998) também aprovam o uso das novas tecnologias e destacam a importância da Internet no processo educacional:

O computador, em particular, permite novas formas de trabalho, possibilitando a criação de ambientes de aprendizagem em que os alunos possam pesquisar, fazer antecipações e simulações, confirmar ideias prévias, experimentar, criar soluções e construir novas formas de representação mental. Além disso, permite a interação com outros indivíduos e comunidades, utilizando os sistemas interativos de comunicação: as redes de computadores (p.141).

Vale lembrar que nem todos os indivíduos possuem acesso às informações da Internet, sejam pelas condições econômicas, sociais, a grande maioria é excluída de todos esses recursos tecnológicos e, por isso, ficam à margem da sociedade, da informação e das tecnologias. Além disso, verifica-se que a velocidade com que elas estão chegando é assustadora, fazendo com que haja um distanciamento ainda maior ao campo da inovação e, principalmente do conhecimento. Isso porque, as informações são inúmeras, ao passo que, o conhecimento pouco se adquire. Mesmo assim, as notícias giram a cada milésimo de segundo e o indivíduo que não está inserido nesse contexto informacional, correrá o risco de sair de “circulação”, uma vez que não consegue acompanhar as novas mudanças do mundo da informática, na contemporaneidade.

Mas, segundo Silva (2003), essas notícias contidas no texto virtual continuarão fazendo parte da dinâmica cultural do leitor, juntamente com outras leituras externas, pois,

Ainda que os suportes impressos e digitais dos textos sofram alterações profundas em termos de configuração, nenhum deles chegará a desaparecer, mesmo porque cada qual dinamiza práticas culturais específicas, surgidas de necessidades diferenciadas nas sociedades do mundo contemporâneo (p. 15).

Essa dinâmica é própria da natureza humana. A cada momento nos deparamos com mudanças e temos que adequá-las ao nosso cotidiano. Portanto, percebe-se que a leitura será um desafio sempre atual. Ela sempre esteve presente em nossa vida e, por mais que surjam infinidades de recursos virtuais que também envolva questões ligadas a ela ainda não será possível substituí-la, mas sim acrescentá-la ao novo.

3. LEITURA E ESCOLA

(...) queremos educar e promover um tipo de leitor que não se adapte ou se ajuste inocentemente à realidade que está aí, mas que, pelas práticas de leitura, participe ativamente da transformação social.

(Ezequiel Teodoro da Silva)

3.1 As práticas de leitura na escola

A partir do momento em que começamos a ter contato com o mundo, a compreender e interpretar o sentido de tudo que o cerca, a prática da leitura começa a se fazer presente, até mesmo quando estabelecemos relação com os livros e processamos impressões sobre eles, estamos efetivando a leitura.

Mas, aprender a ler na escola não é uma tarefa fácil. Vários entraves surgem nos primeiros contatos com a leitura. A exemplo disso podemos citar uma criança em seu primeiro dia de aula. Como ela reagiria diante da leitura feita pelo professor? Assim somos nós: o desconhecido nos causa medo, constrangimento, insegurança, deixa-nos apreensivos, porém chega um momento que esses sentimentos precisam ser rompidos para dar lugar ao concreto. E a leitura nos possibilita essa passagem para o aprender. Ela é o caminho para a transformação pessoal, profissional e da vida. Através dela formam cidadãos críticos, suscetíveis a transformações em seu modo de agir.

Partindo desse pressuposto, é que a leitura na escola começa a tomar um formato diferente, pois os alunos contarão com a mediação do professor que, com suas experiências, poderá contribuir para o crescimento intelectual, psicológico e social desses educandos. Para ampliar ainda mais os seus conhecimentos, a maioria das escolas contam com um acervo de livros, expostos em bibliotecas ou salas de leitura, como comumente é chamado. Nesses ambientes, lê-se para aprender a ler, para praticar o hábito da leitura, para conhecer novas palavras, para modificar as ações do leitor e confrontá-las com o mundo, “oferecendo condições ao cidadão para a capacidade de pensar por conta própria” (SILVA, 1997, p.14)

Nesse contexto, a prática da leitura deve partir do professor, da família e da sociedade para que os alunos, a partir desse contato, se sintam incentivados e busquem outras leituras. Essas, por sua vez, se forem bem realizadas, poderão contribuir para a formação do ser crítico, dando a eles a capacidade de elaborar conceitos e agir autonomamente na construção de um mundo melhor.

Mas, por mais que a leitura tenha esse poder de transformação da sociedade e que a educação está para todos, ainda assim existem escolas e professores que não conseguem desenvolver um bom trabalho de leitura com seus alunos, interrompendo a sua aprendizagem, tanto formal, quanto em relação ao aprendizado para a vida, eximindo deles a prática constante da leitura. Sabemos ainda que a preocupação destas escolas não está em formar leitores, mas sim na prática da leitura para realização de provas e obtenção de notas, esquecendo que existem outras maneiras desse trabalho ser desenvolvido. Assim, segundo Souza (2009),

Uma forma de desmistificar essa visão negativa da leitura na escola é despertar novos interesses no leitor, multiplicar as práticas de leitura e diversificar a oferta de material, pois para que um indivíduo se torne consumidor, é preciso estímulo ao gosto e à predisposição para a leitura (p.227).

Nesse contexto, sendo a leitura considerada tão importante para a formação do ser humano em todos os aspectos, principalmente na linguagem, tanto a escola quanto o professor desconhecem o procedimento para consolidar essa técnica de ensino, por mais que o quantitativo de materiais instrucionais esteja disponível a eles.

É importante ressaltar que é pela prática da leitura na escola que conseguiremos produzir textos coerentes, coesos e eficazes. Essa prática é a responsável pela produção da escrita, de 'como escrever' e 'o que escrever', capacitando e tornando o sujeito leitor e escritor competente, não escritor de livros e similares, mas escritor no sentido de escrever com fluência. Partindo desse processo do ler para escrever, para o discurso, para a vida, que se formam leitores prontos para enfrentarem as novas exigências do mercado de trabalho. Como informa os Parâmetros Curriculares (1994):

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreende o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o que lê e outros textos já lidos; que saibam que vários sentidos possam ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos (p.41).

Sendo assim, a formação de um leitor se dá mediante práticas constantes de leitura, de uma variedade de textos que circulam em seu meio e independe se os alunos já dominam a leitura de forma convencional ou não. O que importa é a interação que ele mantém com os livros, tornando-o cada vez mais íntimo desse universo permeado de fantasias, e também de realidade. Portanto, um leitor competente é aquele capaz de selecionar textos que adequam à sua necessidade.

Daí a preocupação gerada em nós, caso o exercício dessa prática da leitura não aconteça de forma efetiva e prazerosa. Qual o papel da escola nesse contexto? Vista como aliada principal dessa mudança, como agente transformadora dessa realidade, à escola cabe fazer intervenções importantes, de cunho pedagógico, já que há muito tempo, as famílias têm colocado sobre a responsabilidade do professor a tarefa de ensinar a ler e escrever.

Tanto que, para os pais, é na escola que as famílias acreditam ser o espaço ideal para saber ler e entender um texto, participar do mundo da escrita e usar essas aprendizagens na sua dinâmica de vida. É nesse ambiente que as ações devem ser realizadas com responsabilidade, onde o professor, principal condutor do processo de ensino e aprendizagem, deve fazer valer e legitimar as práticas da leitura.

Diante disso, é importante também que fique claro os objetivos da escola e sua função no que se refere aos propósitos da leitura, para que ela não seja trabalhada de forma descontextualizada, sem nenhuma relação direta com a realidade dos alunos.

Assim, segundo Souza (2009), deve-se “(...) despertar novos interesses no leitor, multiplicar as práticas de leitura e diversificar a oferta de material, pois para que um indivíduo se torne consumidor, é preciso estímulo ao gosto e à predisposição para a leitura”(p.227).

Mesmo sendo essa a incumbência da escola, sabemos que a formação leitora está gradativamente em discussão, uma vez que algumas instituições de ensino não estão obtendo êxito na formação desses leitores. Será por quê?

Onde está a culpa? No professor, no aluno ou no próprio sistema de ensino? Solé (1998), argumenta que

O problema do ensino da leitura na escola não se situa no nível do método, mas na própria conceitualização do que é a leitura, da forma em que é avaliada pelas equipes de professores, do papel que ocupa no Projeto Curricular da escola, dos meios que se arbitram para favorecê-la e, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la. Estas propostas não representam um único nem o primeiro aspecto; considerá-las de forma exclusiva equivaleria, na minha opinião, a começar a construção de uma casa do telhado (p.33).

Percebe-se que a autora deixa claro vários problemas que podem influenciar no ensino de leitura na escola, salientando que o método utilizado nas propostas curriculares, bem como no trabalho desenvolvido pelo professor somente servirá de base para os trabalhos. Portanto, a metodologia empregada é que vai contribuir para uma boa formação do aluno.

O que pode estar acarretando essa queda na aprendizagem do ler e escrever da criança é, entre vários fatores, o próprio sistema de ensino que é, na maioria das vezes, falho, conteudista, monótono, e não consegue enxergar as mudanças constantes dos métodos de ensino atuais. E, na maioria das vezes, existe o fato do educador apreender as informações e não procurar inseri-las em seus projetos pedagógicos.

O professor precisa suscitar no aluno o prazer pela leitura, não com cobranças técnicas descontextualizadas a respeito daquilo que lê, mas uma leitura espontânea, sem fins quantitativos. Sabe-se, conforme Freire (1991), que é praticando a leitura que se aprende a ser um bom leitor.

Se é praticando que se aprende a nadar,
Se é praticando que se aprende a trabalhar,
É praticando também que se aprende a ler e a escrever.
Vamos praticar para entender
E aprender para praticar melhor (p.47).

É preciso que essa prática de leitura comece na escola, pois muitos alunos não têm esse hábito de ler em casa, por isso a escola tem o papel fundamental de incentivar a leitura. Ela é a porta do conhecimento que fornece as condições básicas para o aprendizado permanente.

Outro problema que também implica na prática da leitura na escola e que está explícito na atividade do professor, enquanto formador de leitores, é a própria defasagem em suas leituras, uma vez que não dispõe em mãos de instrumentos teórico-metodológicos suficientes para manter-se entrosado com os livros, impossibilitando-o de exercer o seu verdadeiro papel de professor-leitor, compromissado com a formação do aluno, o que vem comprometendo, dessa forma, a condução dos seus trabalhos em sala de aula. Então, como o professor quer formar leitores se ele não tem o hábito de ler?

Segundo Maia (2007), o professor precisa gostar de ler e ler muito, deixando-se, envolver pela leitura, ou seja, necessita

ter familiaridade com uma variedade de textos, a maturidade enquanto leitor, os significados já construídos, a própria história de leitura constituem condições primordiais para o seu desempenho de mediador da relação de diálogo entre leitor-texto. Subjacente a essas informações está a necessidade de o docente ser persuasivo ao tratar da leitura, ser convincente pelo próprio exemplo, pois a fonte do interesse da criança pelo livro pode estar no professor que se revela apaixonado pela leitura (p. 37).

O professor que cultiva o hábito da prática da leitura reflete nos seus alunos esse prazer, através do seu olhar, das suas expressões, dos seus sentimentos diante da obra lida, permitindo ao educando também sentir o gosto e prazer da leitura nas mais variadas tipologias textuais que lhes são apresentadas, suscitando inquietações, questionamentos, dúvidas...

Cabe ao professor, diante de toda a “experiência” dessa prática pedagógica, mediar esses indivíduos, fazendo inferências, valorizando o conhecimento anterior e as leituras que as crianças já têm. Afinal, a leitura não é um processo dinâmico e sem sentido, ela é complexa, porém não se pode descaracterizá-la com leituras, impostas, preenchimentos de fichas de leitura sem um propósito, o que, certamente, não o conduzirá ao caminho da leitura. Nesse sentido,

é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam. É preciso que antecipem, que façam inferências a partir do contexto ou do conhecimento prévio que possuem, que verifiquem suas suposições — tanto em relação à escrita, propriamente, quanto ao significado. É disso que se está falando quando se diz que é

preciso “aprender a ler, lendo”: de adquirir o conhecimento da correspondência fonográfica, de compreender a natureza e o funcionamento do sistema alfabético, dentro de uma prática ampla de leitura (Parâmetros Curriculares, 1994, p.43).

Por conta da concepção equivocada a respeito da leitura, “a escola vem produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler”(Parâmetros Curriculares, 1994, p.42).

Prova disso são as pesquisas recentemente publicadas pelo Instituto Pró-Livro, evidenciada na terceira edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, que apontam a diminuição do número de leitores no país. Essa queda foi atribuída às escolas que, segundo o Ministério da Educação, “não estão cumprindo o papel de formador de leitores para a vida”.

Iniciativas já vêm sendo tomadas pelos órgãos responsáveis, a fim de investir em ações de fomento à leitura, para que esses números venham a melhorar. Dados comprovam também que alunos têm lido menos em sala de aula, como mostra a Revista do Professor “Carta Fundamental”:

Apesar de a sala de aula ser o espaço consagrado e privilegiado do contato dos jovens leitores com os livros, o local aparece em segundo na lista de lugares de leitura e, mais grave, houve diminuição de 2 pontos percentuais em relação a pesquisa passada. Paradoxalmente, o papel da escola na formação do hábito de leitura foi ressaltado por uma mudança nos principais influenciadores: descem as mães, sobem os professores, citados por 45% dos entrevistados, como principais incentivadores (Revista Carta Fundamental, maio de 2012, p.18).

Essas informações reafirmam o descaso com a leitura e de que forma ela está sendo vista em nosso país. Os índices de brasileiros leitores estão cada vez mais baixos: de 55% em 2007, para 50% em 2012. (Carta Fundamental, maio de 2012, p.18).

Nota-se que a prática da leitura na escola envolve questões de ordem familiar, que não tem base para acompanhar o desenvolvimento escolar dos seus filhos, deixando-os sob a tutela da escola; esta, por sua vez, na maioria das vezes, não possui uma estrutura capaz de atender às demandas e exigências da sociedade moderna; e o professor que, apesar do suporte teórico-metodológico e pedagógico

oferecido pelo governo e das formações constantes que são oferecidas, não consegue dinamizar as suas práticas de ensino da leitura de maneira eficiente, fazendo com que o futuro desse aluno, principal agente do processo, venha a ser prejudicado e marginalizado por não estar correspondendo às expectativas do mundo que, por regra, é regido pelo poder da palavra, pois acreditamos que ‘pode mais quem sabe ler mais’.

3.2 O papel da biblioteca escolar, do bibliotecário e do professor

Muito tem se discutido sobre a importância da leitura na formação do indivíduo, ato que deve ser cultivado e buscado por todos. E o lugar mais indicado para adquirir essa prática não poderia deixar de ser a sala de aula e a biblioteca, isso porque são duas instâncias de grande valor para desenvolver as habilidades da leitura e, a partir desse instrumento, transformar a si mesmo, e transformando-se, pressupõe fazer mudanças na atitude do outro.

Falar de biblioteca requer que, a princípio se faça uma contextualização histórica, para depois traçar um perfil pedagógico da palavra.

Para Graça Pimentel (2007),

a palavra biblioteca é de origem grega *biblíon* (livro) e *theka* (caixa), significando o móvel ou lugar onde se guardam livros. Foi no Egito que existiu, desde o século IV a.C., a mais célebre e grandiosa biblioteca da Antiguidade, a de Alexandria, que tinha como ambição reunir em um só lugar todo o conhecimento humano (p.22).

Nesse sentido, além de a biblioteca funcionar como um lugar sigiloso para arquivo de documentos importantes na Antiguidade, como mostra a autora, também seus escritos, eram de cunho bíblico, reunidos em livros que, mais tarde, perdeu a sua identidade religiosa e transformou-se em um objeto de acesso a todos, fazendo com que a biblioteca, na época chamada também de enciclopédia, assumisse um caráter público e democrático. Como afirma Martins³ (2001), “foi o livro, ou seja, no

³MARTINS, Wilson. A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca. Volume 49. Série Temas. Editora Ática, 2001.

fundo, a biblioteca um dos instrumentos mais poderosos da abolição do antigo regime” (MARTINS, 2001, p.325).

Acompanhando a evolução social, a biblioteca deixa de ser um depósito de livros e passa a adquirir um papel fundamental nas comunidades modernas, com publicações de vários exemplares, coleções, além de realizar empréstimos em domicílios, chegando às classes mais baixas, como ‘o meio rural’, ‘as vilas’, ‘a fazenda’, enfim, o livro tomou uma proporção, a princípio, não imaginável pelos seus criadores.

Entretanto, em meio às transformações próprias da natureza humana, sejam elas de cunho social, econômico e, sobretudo tecnológico, a biblioteca passou a exigir uma atenção especial dos seus idealizadores no sentido de capacitar técnicos para a função e atender seus usuários, com propriedade. Enfim, a biblioteca deixa de ser para poucos e transforma-se em um ambiente para todos. Ela passa a ter um papel essencial na vida das pessoas, como coloca Martins (2001):

A biblioteca pública deve colaborar na educação das massas ignorantes. Ela desempenhará o ensino dispensado pela escola e ajudará a formar o público de amanhã. Ela desempenhará o papel de um centro de serviço social, onde as crianças, os adolescentes e os adultos que não puderem receber nas escolas uma instrução suficiente, encontrarão informações, conselhos, divertimentos, sem distinção de condição social, de nacionalidade, de crença de língua ou de profissão. Enfim, ela servirá aos interesses da comunidade e aos mais nobres valores humanos; ela despertará a consciência das atividades criadoras no povo e orientará as aspirações altruístas dos melhores elementos da sociedade (LUÍS F. MÁLAGA, apud MARTINS, 2001, p. 326).

Ela deixou de atender somente ao acervo e chegou até o usuário, ampliou o seu espaço, adentrou as salas de aula e começou a fazer parte do currículo escolar, que por sua vez, possibilitou o seu acesso à comunidade. Seu objetivo é fomentar no aluno o gosto pela leitura, o desenvolvimento de suas capacidades comunicativas que, como resultado, ajuda os professores a preparar o seu material de trabalho baseado no desenvolvimento obtido pelo educando.

Nesse aspecto, houve a necessidade de pessoas preparadas para atender essa clientela, sobretudo neste novo contexto informacional onde livros, computadores, e outros instrumentos tecnológicos fazem parte do dia a dia das crianças. O aluno deve ser orientado para fazer bom uso e seleção das informações

que deseja, mas essa missão também não exige a responsabilidade do professor, enquanto mediador e facilitador do processo ensino-aprendizagem:

Neste aspecto a biblioteca saiu das quatro paredes, deixando de ser um castelo fechado em si mesmo e abrindo para a democratização do saber, a construção do conhecimento, transformando-se em um amplo espaço de aprendizagem e de compartilhamento e um prazeroso ambiente de mediação e de interação entre os sujeitos no cenário educacional (MORO, 2011, p. 13).

Ela deve ser um local agradável e dispor de instrumentos motivadores capazes de assegurar esse aluno no contato com a leitura, tornando-o parte da sociedade.

Entretanto, assegurar aos estudantes uma estante cheia de livros não é suficiente para uma boa formação leitora, apesar de sabermos que é uma conquista valiosa em poder contar com uma quantidade de livros circulando por estes espaços públicos, como encontramos atualmente, sem falar da qualidade contida neles.

Para aproximar o educando à leitura, a biblioteca precisa ser um espaço democrático. Segundo Souza (2009), a “formação do leitor, seja na biblioteca ou na sala de aula, não pode ocorrer se o aluno for isolado do espaço sociocultural em que a escola se situa ou do espaço interno com o qual interage e é formado cotidianamente” (p.58).

Sabemos que, entre alunos e professores, muitas são as críticas em relação à biblioteca escolar devido à postura utilizada pelo bibliotecário no exercício da função. Ao mesmo tempo em que muitas são as críticas destes em relação àqueles.

Ainda que pareçam duvidosas, esses fatos são verídicos, pois tanto alunos quanto professores, diante de visitas constantes à biblioteca, deparam-se com pessoas despreparadas para assumir a função que lhe foi encarregada, sendo nomeados como catalogadores de livros, organizadores de prateleiras, alguém que cumpre o seu horário de trabalho, além de não conhecer o acervo existente quando solicitado.

Na mente dos professores, a imagem do bibliotecário é uma mistura de almoxarife, escrevente e policial, assemelhando-se muito a um autômato que, programado e controlado, apenas cumpre aquilo que as normas determinam. Por outro lado, aos olhos dos professores, o bibliotecário é ainda o guarda-livro ou o bedel da seção de referência

que, preso a quatro paredes, não tem muito a dizer sobre a educação dos jovens (SILVA, 1986, p.67).

Há uma crítica severa também dos bibliotecários em relação aos professores. Para eles, os educadores não têm compromisso com o ensino e a aprendizagem dos alunos.

(...) os bibliotecários, principalmente os que trabalham nas bibliotecas públicas, guardam grande rancor dos professores. Esse rancor é fruto do descompromisso no encaminhamento de alunos às bibliotecas, quando não do próprio desconhecimento dos professores sobre o que existe, em termos de acervo e de serviços, nas bibliotecas. Assim, a chamada “pesquisa escolar”, feita na biblioteca, transforma-se numa falcaturia para manter os alunos ocupados, nada tendo de investigação séria para o seu enriquecimento cognitivo (SILVA, 1986, p.68).

O que verificamos é que a maioria dos professores simplesmente lançam os alunos para a biblioteca, sem orientá-los, ficando a cargo do bibliotecário fornecer as informações necessárias, mesmo ciente de que não consegue orientar como se faz uma pesquisa de determinado conteúdo de forma eficaz. Vale ressaltar ainda que um bibliotecário mal preparado pode desmotivar o aluno em sua leitura, prejudicá-lo em seu desenvolvimento pessoal e cognitivo.

É de fundamental importância motivar nos alunos o hábito regular da leitura livre, pois, nas aulas de leitura, eles vão incorporando sutilmente a necessidade e a importância de reservar um horário do seu dia para esse fim, além de conscientizar-se do espaço da biblioteca e do que ela pode oferecer com relação às suas necessidades de informação e de leitura.

Desta forma, a biblioteca escolar é companheira da escola e do professor, pois quando bibliotecários e professores trabalham em parceria, influenciam no desempenho dos estudantes para o alcance de maior nível de desenvolvimento na leitura e escrita, na aprendizagem em geral e na resolução de problemas do cotidiano.

Cabe ao professor promover um espaço interativo, participativo e tentar extrair dos educandos o conhecimento tácito para enriquecimento das discussões, uma vez que diversificadas são as informações de cada um e, juntamente com a

ação do bibliotecário, atuar para a promoção da cultura e da educação no país. Para os PCN's (L.P) o professor terá um papel fundamental na formação do aluno:

(...) O de modelo. Além de ser aquele que ensina os conteúdos, é alguém que pode ensinar o valor que a língua tem, demonstrando o valor que tem para si. Se é um usuário da escrita de fato, se tem boa e prazerosa relação com a leitura, se gosta verdadeiramente de escrever, funcionará como um excelente modelo para seus alunos. Isso é especialmente importante quando eles provêm de comunidades pouco letradas, onde não participam de atos de leitura e escrita junto com adultos experientes (p.38).

Portanto, a escola e a biblioteca escolar podem contribuir significativamente para a transformação do educando, com a busca incansável do incentivo à leitura, proporcionando o contato livre e prazeroso com o livro, ampliando conceitos e possibilitando várias visões de mundo, fundamentais para a uma sociedade mais justa e, sobretudo, humana.

3.3 O ensino das estratégias de compreensão leitora

O ensino de estratégias de compreensão contribui para dotar os alunos dos recursos necessários para aprender a aprender.

(Isabel Solé)

Além do professor se constituir como um modelo de leitor aos seus alunos e de buscar trabalhar em parceria com o bibliotecário escolar, ele deve ter consciência e conhecimentos de estratégias de leitura que também ajudarão e garantirão a formação de um leitor competente e crítico, como é preconizado pelos estudiosos da área e pelos próprios PCN's. Assim, considera-se que,

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de forma a atender a essa necessidade (PCN's, LP, p.41).

Nessa perspectiva, o perfil de um leitor competente é assegurado com as suas práticas constantes de leituras para que possa exercer o seu raciocínio crítico, através das habilidades adquiridas ao longo da sua vivência.

Para Kleiman (2002), ao falar-se de estratégias de leitura, deve-se pensar na relação do sujeito com o texto, como ele compreende e interpreta o que lê, das respostas que ele atribui às perguntas, ou seja, é o contato direto do leitor com o texto, por meio de inferências através do comportamento verbal e não verbal do leitor.

Nesse sentido, as estratégias do leitor são classificadas em estratégias cognitivas e metacognitivas:

ESTRATÉGIAS METACOGNITIVAS seriam aquelas operações (não regras) realizadas com algum objetivo em mente, sobre as quais temos controle consciente, no sentido de sermos capazes de dizer e explicar a nossa ação. (...) AS ESTRATÉGIAS COGNITIVAS da leitura seriam aquelas operações inconscientes do leitor, no sentido de não ter chegado ainda ao nível consciente, que ele realiza para atingir algum objetivo de leitura (Kleiman, 2002, p.90).

Logo, a primeira estratégia significa que o leitor, mesmo se apropriando de um texto, nem sempre é capaz de, à primeira vista, compreender o seu verdadeiro sentido, precisando, portanto, de uma leitura minuciosa para deter de informações ainda não explícitas. Nesse processo, o sujeito tem consciência do que está lendo, qual o objetivo da sua leitura e para quem está lendo. Há, assim, uma intencionalidade em sua leitura.

A segunda, diz respeito a procedimentos de sujeitos em fase inicial de leitura, pois os mesmos ainda não detêm de informações e nem se apropriam das regras para perceber os significados reais de determinados enunciados.

Verifica-se que os dois processos apresentados pela autora culminam em análises bastante complexas, uma vez que o ato de ler vai além de uma simples decodificação de símbolos e análises de imagens.

De forma mais simples, Solé apresenta algumas estratégias de leitura fundamentais para a compreensão e interpretação de textos escritos. Dentre elas estão a *motivação para a leitura*, que contribuirá para a formação do leitor, uma vez que “nenhuma tarefa de leitura deveria ser iniciada sem que as meninas e meninos

se encontrem motivados para ela, sem que esteja claro que lhe encontram sentido” (SOLÉ, 1998, p.91); *objetivos da leitura*, entendido como “a forma em que um leitor se situa frente a ela e norteia seu objetivo, isto é, a compreensão do texto” (p.92-93); *ativação de conhecimentos prévios*, ou seja, é a possibilidade de o leitor atribuir significado ao que lê, partindo das experiências de leitura já adquiridas; a *previsão sobre os textos*, compreendida como antecipações feitas ao documento, de forma que através dos seus títulos ou enunciados permitam ao leitor fazer previsões sobre o que sucede, além das experiências e conhecimentos apanhados sobre o conteúdo; a *inferência*, apresentada pela autora como o momento em que os alunos não só apresentam o seu conhecimento prévio, como também formula perguntas perante o texto, e faz intervenção à situação. Nesse sentido, percebemos que o uso das estratégias de leitura são procedimentos que precisam ser ensinados aos alunos para que se compreenda um texto, os seus objetivos, as suas ações, de forma autônoma e não como uma técnica, um cumprimento de regras para satisfazer o currículo.

É importante que o professor faça com que os alunos planejem as suas ações, estabeleçam relações com o que lê, fazendo inferências, perguntando, respondendo as suas próprias indagações e coloquem em contato com uma variedade de gêneros e tipos textuais, a fim de que possam atribuir sentido a cada um deles. Como afirma Olga Molina,

É preciso, portanto, lidar com textos variados para alcançar competência completa em leitura. O verdadeiro leitor transita, com facilidade, por diferentes textos, de acordo com os objetivos que ele mesmo estabeleceu (MOLINA, 2002, p.9).

Sendo assim,

Na escola, o aluno deve ter oportunidade de ler textos provenientes de fontes variadas, que abranjam tanto a ficção quanto a não-ficção: folhetos, livros, revistas, jornais, peças publicitárias e tudo o mais que a vida real puder oferecer, para se familiarizar com os diferentes discursos que a escrita pode veicular (idem).

Fundamental também é que o professor proponha aos alunos modelos técnicos para o desenvolvimento de suas habilidades e procedimentos capazes de

melhorar o seu desempenho na leitura, favorecendo um nível de compreensão mais eficaz e que a sua formação seja atuante.

Por desconhecerem as estratégias de compreensão leitora presentes no trabalho com a leitura, muitos professores se prendem somente às atividades de vocabulário e de compreensão apresentadas no livro didático, bem como, ao preenchimento de fichas monótonas e cansativas de leitura que mais parecem exercícios de repetição das ideias dos textos lidos que não estimulam o desenvolvimento e, muito menos, o aprimoramento da competência leitora dos educandos e sua capacidade de interagir criticamente com o material lido.

Com a inserção de estratégias de leitura pelos professores, sejam eles de qualquer área de conhecimento e não apenas do professor de Língua Portuguesa, uma vez que todas as disciplinas utilizam de práticas leitoras, os alunos poderão ter uma melhor compreensão do papel que a leitura exerce em sua formação, estimulando-os a um desempenho mais reflexivo e crítico, consciente da sua função na sociedade, visando a transformação de si e do outro, pois sabe-se que o aluno sabe realmente ler, e lê melhora o desempenho na escola e na vida social e desenvolve o seu poder de ação e relação sobre o seu oponente, ampliando assim a sua cultura e sua participação social.

4. CAMINHOS DA PESQUISA

Uma pesquisa é sempre, de alguma forma, um relato de longa viagem empreendida por um sujeito cujo olhar vasculha lugares muitas vezes já visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais.

Rosália Duarte

4.1 A natureza da pesquisa

A metodologia utilizada para a realização deste projeto monográfico, a princípio, deu-se com a revisão bibliográfica, tendo em vista a necessidade de conteúdos que abordassem sobre o tema, partindo da leitura de livros, periódicos e artigos com a realização de fichamentos, para que houvesse uma organização tanto dos conceitos como das citações apresentadas no projeto, o que proporcionou um diálogo com as ideias dos autores consultados.

Partindo dessa premissa, Gil (1999), aponta a importância da pesquisa bibliográfica, uma vez que permite ao investigador fazer uma busca mais detalhada sobre o assunto, o que não é oferecido diretamente no espaço a ser pesquisado. Dessa maneira,

A pesquisa bibliográfica – principalmente de livros e artigos científicos, permite uma cobertura muito mais ampla do que da pesquisa direta, mas que depende da validade dos dados coletados, que podem ser equivocados, tendo seus eventuais erros a serem ampliados. (p.65)

É importante ressaltar que nesse tipo de pesquisa pode ocorrer distorções no sentido de apresentar dados coletados de forma equivocada, reproduzindo ou ampliando esses erros no decorrer da pesquisa. Para tanto, é necessário que se faça uma análise aprofundada dos dados para, dessa forma, não se deixar levar

pela emoção da pesquisa, mas sim, assegurá-la na fidelidade dos fatos, através de fontes que possam corroborar os dados pesquisados.

O projeto em questão está embasado em uma pesquisa de caráter qualitativo, apresentada por LUDKE e ANDRÉ (1985):

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento (...). A pesquisa qualitativa supõe o contato do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra, através do trabalho de campo. (p.11)

Para tanto, nesse tipo de investigação é de fundamental importância definir os critérios para seleção dos sujeitos que irão compor o universo da pesquisa, uma vez que irá influenciar diretamente nas informações que darão corpo ao problema apresentado.

Nessa perspectiva, será utilizada como técnica de coleta de dados a entrevista informal, considerada também como uma das mais flexíveis entre as demais técnicas, isso porque permite maior familiaridade com o problema. Esse tipo de coleta,

Pode caracterizar-se como informal, quando se distingue da simples conversação apenas por ter como objetivo básico a coleta de dados. Pode ser focalizada quando, embora livre, enfoca tema bem específico, cabendo ao entrevistador esforçar-se para que o entrevistado retorne ao assunto após alguma digressão. Pode ser parcialmente estruturada, quando é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. (GIL, 1991, p. 92)

É importante lembrar que a entrevista, como técnica de coleta de dados nesse trabalho, dar-se-á por meio de um roteiro, a fim de conduzir o entrevistado diretamente ao foco da pesquisa, e que esse material será analisado e selecionado seus pontos mais relevantes, de forma que possa ir de encontro ao problema de investigação, validando, deste modo, a análise.

4.2 Sujeitos da Pesquisa

Sendo assim, este trabalho tem como sujeitos da pesquisa colegas

graduandos do curso de Letras Vernáculas em processo final de conclusão de curso, pessoas essas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado. Além disso, é sem dúvida um momento ímpar para poder desenvolver esse trabalho, uma vez que tem despertado em nós grande relevância na maneira como foram conduzidos em sala de aula, bem como todo o processo do estágio supervisionado.

Nesse sentido, foram colhidos quatro relatos, sendo três dos graduandos denominados G₁, G₂ e G₃, e um relato da professora de estágio, nomeada P₁, grande incentivadora do projeto em questão, visando analisar o Estágio Supervisionado IV, tanto na maneira como foi conduzido pelos graduandos e a possível recepção dos alunos quanto ao novo modelo aplicado e, de certa forma, arranjado, uma vez que se tratava de uma experiência jamais vivenciada pelos organizadores do curso e graduandos. Contudo, vale ressaltar que isso se explica pelo fato das escolas estaduais se encontrarem em greve naquele momento.

Dessa forma, foram realizados estágios com alunos que se preparavam para o Vestibular, através do cursinho pré-vestibular Universidade para Todos, Programa do Governo do Estado da Bahia, de abrangência do Campus VI⁴, tais como as escolas Colégio Estadual Prof.^a Lia Públio de Castro, no distrito de Ibitira, município de Rio do Antônio; Escola Estadual Pedro Atanázio Garcia, distrito de Maniaçu, e a própria Universidade do Estado da Bahia - Campus VI, ambas integradas ao município de Caetité.

A escolha por estas localidades se justifica por acreditarmos que as características de cada espaço, no âmbito cultural e educacional trarão resultados satisfatórios à nossa pesquisa, através dos depoimentos escritos e experiências dos sujeitos envolvidos nessa investigação.

Dessa forma, é nossa pretensão investigar por intermédio desses depoimentos, como os alunos acolheram a referida proposta e como o trabalho realizado pelos graduandos pôde contribuir na formação leitora desses cidadãos, bem como, as estratégias utilizadas por eles para colocar em prática, por meio da mediação, todos os conhecimentos adquiridos ao longo do curso universitário.

É importante salientar que o estágio supervisionado é um momento em que os estagiários, colocam em prática os conhecimentos aprendidos durante o curso. É

⁴ Coordenado pelo professor Manoel Raimundo Alves – UNEB – Campus VI.

o momento de relacionar teoria e prática e fazer desta práxis um novo caminho para a aprendizagem.

De acordo com PIMENTA (2006) não se deve

[...] colocar o estágio como o polo prático do curso, mas como uma aproximação à prática, na medida em que será conseqüente a teoria estudada no curso, que por sua vez, deverá se constituir numa reflexão *sobre* e a *partir* da realidade da escola pública (p.70).

Percebe-se então que essa é uma grande oportunidade para que os graduandos possam se deparar com situações inéditas enquanto futuro docente. Este momento pode ser concebido como experiência única, onde ele observa, seleciona e destaca o que foi relevante nesse período e possa levar estes conhecimentos para a sua prática docente, formando a identidade enquanto profissional da educação.

4.3 A voz dos sujeitos da pesquisa

4.3.1 Análise dos depoimentos

A leitura exerce um poder muito grande na vida do cidadão, e este não deve estar apenas em sua autonomia para atividades diárias, mas em seu poder de escolha: ler para ampliar sua bagagem, expressar sua subjetividade e ir adiante em sua contribuição social. Ser letrado no mundo atual é estar vivo ao que a cultura tem a nos oferecer. O saber ler, interpretar e utilizar socialmente a leitura é uma das formas mais cruciais de ganhar o mundo, pois esta representa autonomia, liberdade e poder para uma série de coisas.

Dessa forma, as Instituições de Ensino têm o papel de despertar e desenvolver nos alunos o gosto pela leitura, uma vez que, a grande maioria, está totalmente inserida em novas tecnologias, tanto que segundo Lena Lois (2010):

A leitura continua sendo um ponto forte a ser trabalhado. Até porque o mundo não para e a velocidade das informações, assim como a expansão da internet, permite uma aproximação com culturas de territórios remotos e inimagináveis, mas a falta

de um exercício de leitura constituído impede que esse jovem se posicione diante da tela e reconheça criticamente a direção de sua navegação.

Precisamos, enquanto pesquisadores, conscientizar os nossos alunos a respeito da valiosa contribuição que a leitura pode proporcionar, pois através do contato com o livro, com as diversas estratégias de leitura ele será motivado a construir uma visão crítica, capaz de filtrar as inúmeras informações contidas neste vasto universo o qual estamos inseridos. Far-se-á necessário se tornar leitores competentes e não apenas decodificadores. É de fundamental importância, nesse processo de sedução e encantamento levar em consideração a realidade que cada um vive: o lugar de onde vieram e a história que carregam definirão muito a maneira como eles participarão da escola e do aprendizado formal, pois o potencial da aprendizagem, assim como os desejos, variam de acordo com a história de cada um.

Freire, Lajolo, Martins e Yunes discorrem sobre a abrangência da leitura como prática que transcende a mera decodificação e contempla as entrelinhas. Nesse sentido, ela está relacionada à compreensão de mundo. O bom leitor é aquele que lê um texto e consegue estabelecer relações com o mundo e com outros textos já produzidos, sejam eles verbais ou não.

Dessa forma, foram desenvolvidos estágios supervisionados no Projeto UNIVERSIDADE PARA TODOS, onde os alunos-estagiários puderam, com sua mediação, desenvolver atividades diversas acerca da leitura, veiculadas à sua realidade, a fim de contribuir na formação do aluno enquanto leitor e, principalmente, enquanto cidadão.

Como já foi mencionado, os depoimentos que foram colhidos entre estagiários e professora será analisado conforme as especificidades do problema da pesquisa: aspectos relacionados a leitura, de tal forma que responda os anseios dos pesquisadores.

Nesse sentido, o primeiro depoimento, relatado pela professora (P), apresenta sua percepção a respeito da contribuição do ensino de leitura na formação escolar do aluno:

Dessa maneira, para que eu pudesse contribuir na formação desse cidadão, e que ele participasse ativamente das aulas e

se interessasse pela leitura, apresentei-lhes a vida e as suas muitas leituras, boas, ruins. Todas, porém, necessárias de serem conhecidas e discutidas fazendo com que a experiência escolar se torne um lugar de ações mais autênticas e não, somente, um lugar de transmissão de conteúdos (P).

Percebe-se que a professora (P), apresenta uma metodologia bastante diferenciada em relação aos modelos tradicionais, e lança mão de vários tipos de leituras, fazendo com que o aluno se sinta atraído por uma delas.

Ainda no depoimento da professora, ela acrescenta que

Essas ações somadas [...] vão se entrelaçando e, aos poucos, vamos percebendo que estamos aprendendo o que é texto, o que é lê-lo e produzi-lo pela ação de pensar e reinventar a vida (P).

Nessa perspectiva, segundo Kleiman (2002), existem diversas estratégias de leitura, que o aluno poderá se identificar, mas deve-se levar em consideração a relação estreita que há entre o sujeito e o texto, de que forma ele compreende e interpreta o que leu, que sentido ele atribuirá ao que foi lido.

Quanto aos depoimentos dos graduandos, denominados G1, G2 e G3, o estagiário G1, disse que o seu trabalho foi bastante diferenciado do modelo tradicional, trazido pelo módulo de estudo do curso:

Acabei usando de estratégias parecidas. Independente do módulo que o programa propunha seguir, implementei leituras e dramatizações, poesias, contos, figuras ilustrativas, charges, quadrinhos, todos direcionados à realidade dos alunos. A participação foi em massa.

Os alunos começaram a entender, mesmo as questões gramaticais, quando começamos a trabalhar dentro de sua própria realidade, com exemplos voltados para o seu cotidiano. Assim comecei a perceber que a leitura passou a ser mais interessante para eles.

Assim, dentre os vários desafios de hoje, está o de fazer com que os educandos se tornem leitores e desenvolvam também a habilidade da escrita, uma vez que o domínio da leitura é crucial para o desenvolvimento intelectual e para a autonomia das sociedades letradas, ou seja, é de fundamental importância

que o indivíduo não só saiba ler, mas também façam uso competente da leitura de modo a tornar-se um cidadão mais atuante e participativo. (G1)

Com os graduando G2 e G3, respectivamente, os depoimentos não foram diferentes:

...tive que fazer alguma coisa inovadora, que pudesse despertar nesses alunos um pouco de interesse pela leitura. Embora um pouco limitada pelo conteúdo e roteiro sugerido pelo programa, fui trabalhando esse material de maneira bem contextualizada, envolvendo todos os alunos, e solicitando deles uma leitura de mundo, de sua realidade, com a intenção de despertar nesses jovens e/ou adultos o pensamento de que a leitura está em nosso meio de diversas formas: na conversa com nossos amigos, nas histórias de nossas vidas, enfim, eles perceberam o quanto é mais fácil falar de algo que eles já conhecem. (G2)

Criei um ambiente educacional preocupado com a investigação, com a crítica, com as demandas sociais, econômicas e culturais. Devemos criar, nas escolas, uma comunidade de leitores que possa pensar de forma livre, responsável e coerente a realidade à qual a mesma se insere. (G3)

Verifica-se que, em cada depoimento, os graduandos não encontraram nos módulos conteúdos contextualizados, dinâmicos, mas sim modelos gramaticais que em nada poderia contribuir na formação do aluno para a vida. Também gerou nestes graduandos uma insatisfação, quando se depararam com estudantes que não tiveram uma base sólida de estudo e estavam ali, em busca de conhecimentos que pudessem garantir uma vaga na Universidade, sendo necessário buscar alternativas de ensino diferenciado ao proposto no manual, a fim de conquistar o aluno e trazê-lo ao mundo da leitura de maneira mais prazerosa.

Quanto às dificuldades no campo da leitura, os graduandos G1 e G2, respectivamente, declararam que:

Era perceptível que os alunos apresentavam limitações quanto ao bom desenvolvimento da leitura, uns liam mais, outros menos e outros quase nada.

[..]

São pessoas adultas que carecem de uma prática leitora, pessoas muito inteligentes, mas que se limitam e não se abrem a novos conhecimentos através da leitura (G1).

Os alunos da turma, que ficaram sob minha responsabilidade, apresentavam características bem diferentes. Alguns já haviam concluído o ensino médio há muito tempo, outros, no entanto, acabaram de se desligar da escola. Embora tenham um único objetivo, ser aprovado no vestibular, observei que os alunos apresentavam algumas limitações na leitura, interpretação de textos e até mesmo em expressar suas ideias e pensamentos (G2).

Assim, apesar de muitos dos alunos estarem entusiasmados e se esforçarem bastante para tomarem o cursinho, nota-se que no início do projeto, os estagiários tiveram que enfrentar grandes dificuldades, devido a maioria dos alunos estar a um bom tempo fora da escola, por haver uma distorção de idade, questões estas que interferem e muito na dinâmica de trabalho do professor e também no aprendizado do aluno, mas que foram, aos poucos, sendo driblados, de modo que estes alunos começaram a interagir com o professor e às novas estratégias de ensino começaram a sortir efeito. Como afirma Paulo Freire (1998) “aprendemos não apenas para nos adaptar, mas sobretudo, para transformar a realidade para nela intervir, recriando-a”(FREIRE, 1998, p.78).

P1. Dessa forma, percebi que os alunos, durante o período que estiveram sob nossa orientação, saíram mais fortalecidos. Eles trouxeram muitas experiências para a partilha. Observei isso pelos momentos de depoimentos deles. Havia situações diferentes. Ações que deram certo, outras nem tanto.

Conforme Isabel Solé (1998), a leitura é um processo que não está limitado apenas ao âmbito escolar ou somente um meio para obter informações, mais do que isso, a ela deve ser uma prática que todos possam usá-la na própria convivência com o meio social. Entretanto, o que observamos é que, em muitas escolas, a leitura ainda é desenvolvida a partir da influência de muitos modelos tradicionais ou concepções errôneas de leitura.

Sendo assim, todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem precisam repensar sua prática em sala de aula adotando estratégias e mecanismo que possam despertar e estimular o gosto pela leitura. Eles já não são mais detentores do conhecimento e sim mediadores no processo supracitado. É importante que seja dado ao aluno a oportunidade de assumir uma postura ativa diante do que foi lido.

Assim, “o novo perfil do professor é aquele do pesquisador, que, com seus alunos (e não “para” eles), produz conhecimento, o descobre e o redescobre sempre.” (ANTUNES, 2003, p. 36).

CONCLUSÃO

Com o título: *Leitura, escola e formação cidadã*, é que desenvolvemos esta monografia, cujo resultado exigiu de nós pesquisadores, muita dedicação e comprometimento na busca de fundamentos que validassem o nosso trabalho.

Para isso, focamos em variados autores, a fim de obter conceitos sobre a concepção de leitura, mesmo sabendo da complexidade arraigada em seu entorno, uma vez que a leitura não se resume a uma simples decodificação de signos linguísticos, mas tem como propósito estabelecer uma relação de aproximação à realidade, de acordo com o seu contexto, transcendendo os limites dele mesmo.

Nessa perspectiva, o objetivo do nosso trabalho foi compreender como a leitura pode contribuir para a formação social do indivíduo e como a escola, em seu universo, vem utilizando estratégias para que o aluno se sinta mais fortalecido ao sair do entorno escolar e se deparar com um mundo, onde as desigualdades e exigências de uma boa formação social e profissional são bem aparentes.

Percebemos ao longo das análises que, apesar das várias tentativas de se realizar um bom trabalho em sala de aula, as dificuldades na leitura ainda estão no topo das questões. O aluno não consegue apreender os conhecimentos que lhe são necessários para poder ampliar a sua capacidade leitora, pois não é dada a ele a oportunidade de refletir sobre a sua prática. Sabemos que, infelizmente, ainda há professores que se debruçam sobre as cópias e aspectos gramaticais soltos, fazendo com que o aluno se fixe a essa rotina, tornando-o mais passivo e menos reflexivo e, por mais que sejam oferecidas diversas formações contínuas para o exercício da sua profissão, muitos tentam realizar uma proposta diferenciada e dinâmica, mas não conseguem ultrapassar àquela velha e tradicional metodologia de ensino.

Diante desses resultados, resta-nos buscar outras alternativas para guiar o trabalho do professor e fazer com que ele consiga desempenhar um trabalho diferenciado com os alunos, a fim de conscientizá-los para a importância de se ter uma boa formação, enquanto aluno e cidadão por meio da prática leitora.

Percebe-se que este trabalho ainda não foi encerrado, propondo-nos mais questionamentos e reflexões acerca do que está faltando para que os alunos tenham uma formação leitora ampliada diante dos fatos sociais, já que o mundo

atual exige que esse indivíduo seja mais crítico, reflexivo e consciente.

Diante do exposto, nós, enquanto concluintes do curso de Letras Vernáculas e futuros professores, temos a consciência do nosso papel enquanto mediadores do conhecimento, e para isso, precisamos trabalhar a leitura não apenas como decodificação, mas como um mecanismo de transformação da realidade e que esta se torne uma ação para se chegar a novos conhecimentos e descobertas de “novos mundos”, de novas possibilidades e de novas opções de escolha. Para isso, é necessário que nos tornemos leitores dinâmicos, atuantes e constantes.

6. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Aula de português: encontro & interação. 6ª ed. São Paulo: Parábola, 2008.

BLATTMANN, Úrsula; VIAPIANA, Noeli. Leitura como instrumento de cidadania. In: XXI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. Curitiba, 2005. Disponível em www.geocities.com/ublattmann/papers. Acessado em 17/12/2012, às 22h05m.

CARTA FUNDAMENTAL: a revista do professor. Seção **Fundamentais**. Maio de 2012. N.38

CITELLI, Adilson. Linguagem e persuasão. 8ª ed. rev. e atual. São Paulo: Ática, 2004.

DUARTE, Rosália. Pesquisa Qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo.. Cadernos de Pesquisa, n. 115, março/ 2002. Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1991.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. – 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KLEIMAN, Ângela. Oficina de Leitura: Teoria e Prática. 9ª edição, Campinas, SP: Pontes, 2002.

LAJOLO, Marisa & ZILBERMAN, Regina. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1996.

LOIS, Lena. Teoria e Prática da Formação do Leitor: Leitura e literatura na Sala de Aula. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LUDKE, Menga. ANDRÉ, Marli. Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas. São Paulo: Epu, 1985.

MAIA, Joseane. Literatura na formação de leitores e professores. – São Paulo: Paulinas, 2007. – (Coleção literatura & ensino)

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. – 19ª ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994. – Coleção Primeiros Passos; 74)

MARTINS, Wilson. A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca. Volume 49. Série Temas. Editora Ática, 2001.

MOLLICA, Maria Cecília. Fala, letramento e inclusão social. – São Paulo: Contexto, 2007.

MOLLINA, Olga. Ler para aprender: desenvolvimento de habilidades de estudo. – São Paulo: EPU, 1992. – (Temas básicos de educação e ensino)

MORO, Eliane Lourdes da Silva. et al. (Orgs.) Biblioteca Escolar: Presente! Porto Alegre: Editora Evangraf, 2011.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: língua portuguesa /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, 1997. 144p.

PIMENTA, Selma Garrido. O Estágio na Formação de Professores – Unidade Teoria e Prática? São Paulo: Cortez, 2006.

PIMENTEL, Graça. O que é uma biblioteca? In: Biblioteca escolar. (Org.) – Brasília: Universidade de Brasília, 2007. 117 p. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf. Acessado em: 18/11/2012, às 22h42m.

Programa Universidade para Todos: <http://www.educacao.institucional.ba.gov.br/upt>, acessado em 17/11/2012, às 21h43m.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. Leitura na escola e na biblioteca. – 2ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1986.

_____. Leitura e realidade brasileira. 5ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

_____. O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SILVA, Ezequiel Teodoro da; FREIRE, F. M. P.; ALMEIDA, R. Q. de; AMARAL, S. F do. A leitura nos oceanos da internet. São Paulo: Cortez, 2003. 127 p.

SOARES, Magda B. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, R & SILVA, E. T. da. (org.). Leitura: perspectivas interdisciplinares. São Paulo: ática, 1988.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Porto alegre: Artes médicas, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de. Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

YUNES, Eliana. Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados. – Curitiba: Aymar, 2009. (Mundo das ideias)